

O TRABALHO COM JOVENS E ADOLESCENTES DA ONG CORDEL VIDA E AS QUESTÕES DAS SEXUALIDADES

Silvio Joel de Sousa; Ingrid Natália Cabral; Joseval dos Reis Miranda

Universidade Federal da Paraíba, silviosousasegt@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, ingryd_natalia@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo: Sexualidade é um tema que com o passar dos anos vem sendo discutido com muita frequência, apesar dos tabus, mitos e preconceitos que ainda envolvem o assunto. Este trabalho tem como objetivo compreender como a experiência do Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta pela Vida “CORDEL VIDA” tem contribuído para subsidiar as discussões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes do Município de Ouro Velho, localizada no Cariri do Estado da Paraíba. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola do município com estudantes jovens e adolescentes que se disponibilizaram em participar. Utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa, por meio de uma pesquisa participante. Os instrumentos/procedimentos de geração de dados utilizados foram: entrevista semiestruturada, questionário semiestruturado e observação participante. A análise das informações e dados gerados foi por meio da triangulação. Para uma maior compreensão sobre as questões das sexualidades, fomos buscar fundamentos nas concepções de Furlani (2009), Nunes (2005), Ribeiro (2004), Louro (1997) e outros/as, além dos PCN de Orientação Sexual (1997). Os resultados apontaram que os/as jovens e adolescentes sentem a necessidade de trabalho sobre as questões das sexualidades pela escola, os depoimentos dos/as estudantes ainda são permeados pelos mitos e tabus sobre as sexualidades e que a atuação da ONG Cordel Vida tem desenvolvido um trabalho intervencionista nas escolas que possibilitou um espaço de reflexões e discussões sobre vários temas que envolvessem as sexualidades.

Palavras-chave: Sexualidades. Educação Sexual. ONG Cordel Vida.

1 Introdução

Sexualidade é um tema que, com o passar dos anos, vem sendo discutido com muita frequência, apesar dos tabus que envolvem o assunto. A escola deveria ser um dos ambientes mais acessíveis para os/as alunos/as, no que diz respeito à discussão do tema, pois apesar de algumas famílias tratarem do assunto, muitas vezes, se calam diante de algumas questões, deixando para a escola o papel informativo.

Falar sobre sexualidade com jovens e adolescentes, é saber que a maioria das dúvidas sobre esse tema surge nesse período, tornando a sexualidade um dos fatores estruturantes da sua identidade. Uma Educação para sexualidade pode subsidiar novas discussões, vindo a contribuir em novos comportamentos, desses/as jovens, que por falta de conhecimento acabam se envolvendo em diversas práticas de risco a sua saúde e vida.

Diante da necessidade de se tratar a temática no âmbito educacional, o Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta pela

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Vida - CORDEL VIDA surgiu do sentimento de solidariedade de um grupo de amigos e amigas, pessoas que viviam e/ou conviviam com HIV/AIDS, preocupadas com a disseminação da epidemia de AIDS e com a baixa cobertura das ações de prevenção às IST/HIV e de apoio às pessoas com HIV/AIDS no interior do Estado da Paraíba.

Nesse sentido, seus fundadores, pensaram em criar uma organização que pudesse oferecer um suporte a esta demanda, contribuindo assim com o enfrentamento da epidemia da AIDS no interior da Paraíba, tornando esse conhecimento acessível aos educandos das escolas do interior do Estado, que sofrem com a falta de informação sobre o assunto. A partir daí a ONG começou a desenvolver projetos em escolas do Estado, um de seus projetos pioneiros, que contou com o apoio da Secretária de Educação e Cultura (SEDEC): o projeto *ELOS, educação para cidadania*, teve como objetivo fortalecer as práticas e os valores éticos que resgatam a integração do ser e suas relações interpessoais e sociais, abordando temáticas como uso de drogas, sexualidade, violência e cultura de paz, numa perspectiva da educação inclusiva e da redução de danos.

A Escolha da Cidade de Ouro Velho surgiu a partir da experiência de um dos educadores da ONG, nascido naquela cidade, e também autor desse trabalho, que em uma intervenção educativa realizada naquele município, percebeu a necessidade de desenvolver uma pesquisa com os/as jovens e adolescentes, que se demonstravam pouco informados em relação às questões da sexualidade.

Para uma maior compreensão desse conhecimento sobre Educação Sexual, fomos buscar fundamentos nas concepções de Furlani (2009), Nunes (2005), Furtado (2015) que foram de suma importância nesse trabalho. Em suma, acreditamos que esta pesquisa tenha contribuído para a discussão sobre Sexualidade na escola do município, de forma que os/as jovens e adolescentes venham a refletir e viver sua sexualidade com afetividade, amor e respeito.

2 Compreendendo algumas das questões que envolvem as sexualidades

A Sexualidade humana tem uma grande dimensão no que diz respeito aos significados que historicamente foram sendo construídos. A sexualidade carrega em si, costumes, valores sociais que determinam comportamentos de uma ou várias pessoas. Sabemos, também, que cada vez mais a questão da sexualidade vem sendo discutida, tornando-se um tema de grande relevância social, pois a todo o momento

presenciamos no cenário social várias questões ligadas à sexualidade, como relações de gênero, o respeito com o próximo, importância da prevenção das IST, gravidez indesejada, entre outras questões. Para falarmos em sexualidade, é necessário fazer um resgate histórico da sua evolução nas diferentes sociedades desde os tempos remotos até os dias atuais.

Para Nunes (2005) não se pode falar em sexualidade de maneira fragmentada. As diferentes épocas determinam estruturas, valores e modelos que são construídos historicamente. A partir dessa perspectiva, traremos um olhar histórico sobre a sexualidade. No período paleolítico, as observações sobre o tempo começaram a ser feitas, foi um período de grandes descobertas, como o fogo, marcado pela valorização e culto do elemento feminino, fertilidade e elemento materno. Nesse sentido, Nunes (2005) menciona:

Eram as mulheres que tinham possibilidades de observação, experimentação e pesquisa de novas tecnologias e subsistência na produção de vida. Foi pelo vínculo materno que se constituiu o primeiro elo civilizador e mantenedor do clã primitivo. A propriedade coletiva baseada na caça, na pesca e na coleta produzia uma sociedade coletiva, organizada sob a divisão sexual do trabalho, sem uma estrutura de poder que não fosse o funcional e organizador da sobrevivência coletiva. (NUNES, 2005, p.58).

Ainda no período paleolítico, surgem as primeiras manifestações de arte da sociedade, que foram as pinturas rupestres, que além de expor pinturas de caça, tinha a fertilidade feminina. No período seguinte, que foi o Neolítico 9000 A.C, o modelo Matriarcal deixa de ganhar espaço com o modelo do Patriarcalismo, onde o homem passa a dominar as funções das mulheres. É nesse período que a mulher passa a submeter-se ao homem (NUNES, 2005).

Prosseguindo o olhar histórico, a Sexualidade da Grécia está relacionada à cultura dos deuses. A mulher ainda era tida como submissa e exclusiva para os homens nas festas e após os jogos. Ter relações sexuais com sua esposa era um dever social do homem, sendo o marido livre para outras relações. Era mais uma questão de *status* social e fins econômicos. As mulheres deveriam ficar em casa, cuidando do marido e filhos. Por razões seculares, o casamento na sociedade grega era monogâmico, onde as heranças de cada um deveria ter procedência. Aos homens era permitido que relacionamentos fora do casamento ao contrário das mulheres (NUNES, 2005).

Os gregos acreditavam que uma esposa ideal deveria fazer várias atividades como administrar a casa, costurar e etc. Para os homens existiam as concubinas para suprir as necessidades diárias. Na prática sexual dos gregos era comuns relações como pessoas do mesmo sexo, relacionar com mulheres e homens não eram visto como algo diferente. Como afirma Nunes (2005):

Mais do que a homossexualidade é mais próprio definir uma bissexualidade entre os gregos. Amar a mulher e rapazes era prática comum e livre, admitida pela opinião social e estimulada por instituições pedagógicas, militares e religiosas. Não havia opinião e exclusividade entre os sexos. O bom jovem era o que se dedicava ao prazer de uma forma pansexual, tanto com os *paidikas* (rapazes) como com as mulheres que logicamente não eram as destinadas ao casamento aristocrático (NUNES, 2005, p.74).

No início do período Cristão, a tradição judaica com o Cristianismo resolveu transformar as contradições que se faziam presente em Roma. Com seu discurso revolucionário de libertação, o Cristianismo se tornou no século IV a religião oficial. A partir daí, a Bíblia passou a ser o livro da maioria das religiões. Nesse período, as mulheres não tinham privilégio algum, eram apedrejadas se fossem pegas em adultério e a menstruação era impura.

A homossexualidade era vista como um ato imundo pela igreja, que feria a moral cristã e um grande perigo para o Estado. Sendo assim, os homossexuais não poderiam se batizar entre várias outros atos. Compreender as rigorosidades da era cristã é complexo, mas é importante saber que tais rigores são reforçados pela filosofia cristã.

Apesar da forte influência da Igreja, a sexualidade na Idade Média é muito intensa. Tanto em questão de linguagens, como os próprios atos, era muito comum ver sexo com animais, na própria igreja, apesar de tudo ser proibido acontecia com frequência. Nunes (2005) menciona os castigos para quem praticava atos proibidos:

Clérigos e freiras pegos em pecado são queimados e enforcados. Mulheres e homens têm suas partes sexuais queimadas. Ao lado do enquadramento ideológico, criam-se mecanismos reais de repressão de toda sexualidade livre, principalmente usando o poder real e a confissão auricular (NUNES, 2005, p.87).

A partir desse pensamento, a imagem equivocada da mulher foi se perpetuando, e tais eram vistas como feiticeiras no começo da era Moderna, por seu comportamento sexual não ser considerado correto. Várias mulheres foram condenadas pela “Santa inquisição”, pelo simples fato de buscar o seu prazer, que era tido como um ato indigno para qualquer mulher cristã, pois o prazer não era visto como algo Divino e sim do Satã.

Com a chegada da Renascença Cultural, o ser humano passa a ser importante objeto de estudo para os intelectuais da época. Estudos como os de Foucault, segundo Nunes (2005) movimentaram a sociedade moderna. A Medicina nesse período estabeleceu o que deveria ser praticado, levando em conspiração a saúde de todos. A partir daí o sexo passou a ser visto como algo responsável pela transmissão de várias doenças (NUNES, 2005).

No mundo capitalista do século XIX, a discussão da sexualidade começa a tomar rumos diferentes, os médicos passam a trazer novos conceitos sobre a sexualidade, que ajudam num avanço para as discussões sobre o tema. Darwin aparece durante os séculos XIX e XX, revolucionando o conceito das Ciências Naturais (NUNES, 2005).

No novo mundo capitalista, a sexualidade passou a ser também objeto de consumo, na maioria das propagandas a mulher era vista como um objeto a ser consumido. A liberdade sexual começou a ganhar espaço. Vários movimentos começaram a surgir, como os grupos feministas, homossexuais, e a própria maneira de se relacionar era mais livre. A pornografia ganhou espaço nas redes de lojas, e nos filmes americanos. Segundo Tannahill (1983):

O homem começou a perder a calma. [...] ele foi batendo em retirada. O sexo casual perdeu muito de sua atração e os pesquisadores do início dos anos 70 descobriram que esse homem estava tendo intercurso com menos frequência, que se voltava mais para a masturbação e desenvolvia gosto pela pornografia, algo que, em meados da década assumia proporções epidêmicas. Uma parte dessa pornografia não passava de superficialidade erótica; (TANNAHILL, 1983, p.459).

Com o surgimento desses novos movimentos, a contracultura surgiu um movimento que teve seu auge na década de 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social e utilizando novos meios de comunicação em massa, como um meio de viver outro modo de vida. Os hippies, também faziam parte desse movimento, onde a homossexualidade, cabelos longos, aborto, e outros comportamentos faziam parte desse novo estilo.

Ainda nos anos 60, como afirma Conde (2004), o movimento gay passou a lutar pelos seus direitos. Que foi de extrema importância para garantir necessidades e melhorias por pessoas desconhecidas pela esfera pública, e até pela sociedade.

Ao trazer a discussão da sexualidade para o domínio público, assim como o fizeram o feminismo e os movimentos de liberação sexual da década de 1960, o movimento homossexual apresenta uma antinomia e exige que ela seja assumida pelo Estado laico de direito, distante dos dogmas religiosos e das noções preconcebidas – a sexualidade é política, e a individualidade constitui um direito humano fundamental. Em outras palavras, o movimento não admite que o desrespeito ao direito humano fundamental de exercer livremente a orientação sexual seja tratado pelo Estado como assunto limitado à esfera privada (CONDE, 2004, p. 15).

Durante esse período de descompressão sexual, As teorias de Freud começaram a ganhar espaço. O primeiro grande conceito desenvolvido por Freud (1856-1939) foi o de Inconsciente. Ele começa seu pensamento

acreditando que não existe nenhuma descontinuidade na vida mental. Afirma que nada ocorre por acaso, nem mesmo os processos mentais. Para tudo existe uma causa, para cada pensamento, seja na memória, ação ou sentimento. Os eventos mentais ocorrem pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam determinismo psíquico. A partir do momento que eventos mentais pareceram ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever as relações escondidas que ligavam um evento consciente a outro. Quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precederam, as conexões estão no inconsciente (NUNES, 2005).

Freud em seus estudos na prática clínica sobre as causas e funcionamento das neuroses, descobriu que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos tinha a ver com conflitos de caráter sexual, encontrados nos primeiros anos dos indivíduos, sendo assim, na vida infantil estavam às experiências de caráter traumático, que se caracterizavam como surgimento dos sintomas e, retificavam que os acontecimentos desta etapa de vida acabavam deixando ferimentos profundos na personalidade do indivíduo. Tais descobrimentos colocam a sexualidade no centro discussões psíquica e é desenvolvido o segundo conceito mais importante da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil.

Para Freud, existia uma energia que motivava a viver, chamada de libido ou energia sexual. Sigmund Freud é um grande contribuidor para a ciência, através da psicanálise que é a área de conhecimento que estuda o inconsciente humano ele conseguiu levantar discussões e se dedicar ao estudo no século XIX. Ainda segundo Freud a maior parte de nossa personalidade é moldada devido ao estresse e conflitos das fases: oral, anal e fálico, vinculados a quatro fontes principais de tensão: processo de crescimento fisiológico, frustrações, conflitos e perigos, sendo o indivíduo obrigado a desenvolver formas de reduzir tensões que emanam dessas fontes, o que o leva ao crescimento, à evolução. A libido se manifesta de múltiplas formas em nossas vidas; Freud considera que na vida adulta todas essas formas podem estar relacionadas simultaneamente.

Ao analisar a história da sexualidade e suas fases de desenvolvimento em diferentes épocas, vimos que as práticas sexuais nem sempre eram aceitas, o que em uma era normal em uma determinada civilização passou a ser rejeitado e até abominado. É possível afirmar que a sexualidade passou por várias influências sociais, culturais, econômicas em várias épocas da história. Através das contribuições de Freud, é possível perceber que a sexualidade começou a ser compreendida com parte integrante do ser

humano, não se reduzindo ao ato sexual, a afetividade ganhou espaço, a relação com o outro.

3 A Organização não governamental Cordel Vida e suas atividades

O Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta Pela Vida- CORDEL VIDA, segundo informações de um dos seus fundadores, o CORDEL VIDA, surgia do sentimento de solidariedade de um grupo de amigos e amigas, pessoas que viviam e/ou conviviam com HIV/AIDS, preocupadas com a disseminação da epidemia de AIDS e com a baixa cobertura das ações de prevenção as IST/HIV e de apoio às pessoas com HIV/AIDS no interior do Estado da Paraíba, esse grupo pensou em fundar uma organização que pudesse oferecer um suporte a essa demanda, contribuindo assim com o enfrentamento da epidemia de AIDS no interior da Paraíba.

No dia 22 de fevereiro de 2005, em João Pessoa/PB, houve a Assembleia Geral de Fundação do Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta pela Vida – CORDEL VIDA, que contou com a participação de 16 sócios fundadores. Neste ato, também, foi eleita e dada posse a 1ª diretoria e conselho fiscal da instituição.

De acordo com informações, obtidas na instituição, só tiveram condições para manter uma sede física após dois anos de sua fundação, contando com ajuda de amigos para financiamento das despesas de manutenção. Conforme mostra o quadro a seguir à instituição tem desenvolvido diversos projetos sociais, de suma importância para a população Paraibana. Tendo o seu primeiro projeto aprovado pela Secretaria de Saúde de João Pessoa, via edital, no ano de 2007, projeto esse, desenvolvido até os dias atuais, denominado de *Recriando Vidas*. Iremos demonstrar alguns dos projetos aprovados via edital durante a trajetória de vida desta instituição.

Quadro 1: Projetos desenvolvidos pela ONG CORDEL Vida.

Projetos Desenvolvidos pela ONG CORDEL Vida		
Nomes dos Projetos	Objetivo	Ano
Recriando Vidas	É desenvolvido dentro do Hospital de Referências de doenças Infecto Contagiosa Dr. Clementino Fraga, onde os pacientes e seus acompanhantes participavam de <i>Oficinas de arterapia (Terapia Ocupacional</i> , proporcionando a alegria, estimulando aumento da autoestima, e possibilitando uma melhor condição de vida para estas pessoas). Tendo como parceira a Prefeitura Municipal de Saúde de João Pessoa/PB.	2007 a 2017

Direito a Vida	Tem como objetivo trabalha especificamente para atender as pessoas vivendo com HIV/AIDS na Paraíba, visando o combate à discriminação e ao preconceito, contribuindo com o enfrentamento ao HIV/AIDS no Estado. Articulando discursões em saúde e direitos humanos, numa perspectiva plural, abarcando as diferenças e diversidades das populações que compõem Paraíba. Apoiado pelo e Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODOC) e Governo da Paraíba.	2007 a 2017
Projeto Elos	Educação para Cidadania; e escola e cidadania – Sexualidade Humana e prevenção da IST/AIDS, em 60 escolas da rede municipal de João Pessoa com a participação de 21.183 alunos do ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em parceria com a Secretária de Educação da Prefeitura de João Pessoa (SEDEC),	2008
Interiorizando a prevenção das IST/HIV/AIDS	Foi desenvolveram ações de prevenção das IST/HIV/AIDS, para adolescentes e jovens, da rede pública de ensino no estado da PB. Conta com o apoio da Secretaria Estadual de Saúde (SES – PB)	2009 e 2011
Escola e Cidadania	Foram trabalhado os temas Saúde, Sexualidade, Gênero, Ética, Pluralidade Cultural, Violência (na perspectiva de cultura de paz) e Prevenção do uso e abuso de Drogas Lícitas e Ilícitas, Educação para o Trânsito e Meio Ambiente. Estas atividades complementares educativas foram desenvolvidas com a comunidade escolar inserida no ensino fundamental II e educação para jovens e adultos (EJA) da rede pública de ensino do município de João Pessoa, favorecendo a universalização da discussão dos temas transversais, preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Contou com o financiamento da (SEDEC/JP)	2010 e 2011
Jovem Multiplicador	Tem como objetivo o desenvolvimento de intervenções educativas, visando mudanças comportamentais, que possibilite o enfrentamento as infecções sexualmente transmissíveis, HIV/AIDS, Hepatites Virais (HV) na população jovem. Para depois multiplicar para outros jovens e adolescentes. Em 2008, 2012 e 2016 capacitou 400, jovens e adolescentes. Subsidiado pela SES/PB e Fundo POSITHIVO (Instituição Privada de São Paulo/SP).	2008, 2012 e 2016
Atitude Interior Saúde e Cidadania	Tem como objetivo o desenvolvimento de ações de educação preventivas as IST/HIV/AIDS. Com apoio da Secretaria Estadual de Saúde da Paraíba.	2012
Viva Melhor Sabendo	Que oferta informações sobre prevenção as IST, HIV/AIDS e Hepatites Virais, e testes rápido para HIV, por fluido oral, e distribuição de material informativo e insumos de prevenção. para usuários de álcool e outras drogas, E população em situação de rua de João Pessoa e região metropolitana.	2013 a 2016
Atitude interior e Escola Cidadã	Desenvolver ações de educação e cidadania, abordando as temas: sexualidade humana; Drogadição: prevenção e cuidado no uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas; e prevenção das IST/AIDS, para adolescentes e jovens da rede pública de ensino do estado da Paraíba. Alcançando durante o ano de 2008 e 2014 atender cerca de 60 mil pessoas, em 250 escolas, localizadas em 30 municípios do Estado da Paraíba. Com apoio da SES/PB.	2008 a 2014
A Parada é Prevenir, Testar e Tratar as IST/AIDS e Hepatites Virais	Durante a Parada LGBT (Lésbicas, Gays, bissexual, travesti e transexual) realizada em João Pessoa, houve uma intervenção educativa no local da concentração e socialização daquela população, e durante o percurso foi acontecendo às abordagens educativas, realizada de forma individual e coletiva. Este projeto foi financiado pela United Nations Educationa, Scientific and Cultural Organization (UNESCO).	2016
Direitos Humanos e Saúde: educação prevenção e promoção no campo da vigilância em saúde.	O objetivo principal desde projeto é a contribuição para a ampliação do conhecimento e diagnóstico relacionado ao HIV/AIDS, HV e a Tuberculose (TB) no estado da Paraíba atuando através de ações de base comunitária e educação em saúde em oito municípios do Estado. (João Pessoa, Guarabira, Solânea, Bayeux, Cabedelo, Santa Rita, Sapé e Pedras de Fogo). Financiado pelo Ministério da Saúde	2016 e 2017

Fonte: CORDEL Vida, 30/03/2017.

A instituição reformulou seu estatuto social em 2015, ampliando seu foco de ação para além da problemática do HIV/AIDS e para todo território nacional, conforme consta nos seus art. 2º e 3º, que trata das atividades e dos objetivos da instituição. Em conformidade com essa nova adequação do estatuto do CORDEL Vida, apresentou maiores possibilidades de pleitear junto a outros editais, o direito e a capacidade para o seu crescimento, e o desenvolvimento dessa Organização. Sendo assim, o CORDEL Vida vem contribuindo para o desenvolvimento da população que cobra por seus direitos.

4 Metodologia

Para desenvolver a nossa investigação optamos por uma abordagem de cunho qualitativo por meio de uma pesquisa de Campo. A pesquisa de campo é uma modalidade de investigação que a coleta de dados é realizada no local de pesquisa, podendo assumir outras tipificações, como observação participante por exemplo.

O papel adotado durante toda a coleta de dados foi o de pesquisa participante, variando de observadores como participantes e de participantes como observadores. Nossa participação foi do tipo conhecida pelos observados, ou seja, os/as alunos/as que participaram da pesquisa foram informados sobre o estudo e concordaram em participar do mesmo.

Os dados coletados do primeiro questionário ocorreram nos dias 7 e 8 de março de 2016. O segundo encontro ocorreu nos dias 13 e 14 de Setembro de 2016, utilizando como estratégias observação participante e um questionário semiestruturado final. Utilizamos o questionário por ser extremamente útil para nós investigadores, por nos trazer uma maior facilidade para interrogar um maior número de pessoas em um espaço de tempo relativamente curto. Para sabermos os conhecimentos prévios dos/as alunos/as em relação ao tema que seria abordado, o questionário foi essencial para análise contribuindo na construção das oficinas pedagógicas de acordo com o que identificamos como mais necessidade informativa para os/as alunos/as.

Durante o nosso processo de intervenção, tivemos uma observação participante que constou basicamente em escutar ativamente e observar reações de alguns/as alunos/as referentes a algumas situações apresentadas nas discussões. Além de propor algumas situações, decidimos interferir participando juntamente com os/as alunos/as, tirando dúvidas e propondo alguns questionamentos.

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Uma autoanálise faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa. A presença do pesquisador tem que ser justificada e sua transformação em "nativo" não se verificará, ou seja, por mais que se pense inserido, sobre ele paira sempre a "curiosidade" quando não a desconfiança (WHYTE, 2005.p. 301).

5 Resultados e discussões

O primeiro questionário aplicado com os sujeitos das turmas da Educação de Jovens e Adultos possuía perguntas que serviram para traçarmos um perfil inicial dos alunos/as, e saber seus conhecimentos prévios sobre a Sexualidade. Duas Turmas do 4º, duas turmas do 5º ano e uma do 6º ano participaram da pesquisa, totalizando cinquenta e um alunos/as. Nosso objetivo foi coletar as respostas, para que a partir daí pudéssemos modelar as oficinais de acordo com as necessidades e inquietações de cada um. Aplicamos os questionários em cada turma coletivamente, isso porque ele é um instrumento que permite obter informações de um grande número de alunos/as ao mesmo tempo. Os questionários foram respondidos pelos/as alunos/as no horário noturno, não foi necessário que se identificassem, garantindo, portanto, o sigilo de suas informações.

Segundo Dutra (2000, p, 7-19) “não se aprende primeiro, para depois investigar, ao contrário, aprende-se investigando”. Portanto, prosseguimos investigando questões atinentes à sexualidade na escola campo de pesquisa. Nesta relação o conceito de investigar, se refere às pesquisas que nós realizamos em caráter educativo, coletando dados dos nossos/as alunos/as sobre o que pensam sobre a sexualidade.

As respostas dos/as alunos/as foram vistas em linhas gerais sobre a sexualidade, muitos deles/as afirmaram que sexualidade era sinônimo de relação sexual. Essa é uma relação muito comum que vemos ser feita a todo o momento, porém, é um equívoco que deve ser esclarecido e discutido. É possível perceber em algumas respostas dos/as alunos/as essa relação, quando questionados se o tema já foi abordado na Escola:

Não, pois não temos professores formados em sexualidade, que falem de sexo. (Maria).¹

Em palestras, durante o período das aulas, quando os professores estão discutindo sobre sexo (Alana).

¹ Nomes fictícios dos/as alunos/as.

O contexto dos/as alunos/as é bastante peculiar, pois são sujeitos com experiências diversas, alguns/as conhecem as possibilidades das IST e possivelmente já contraíram algumas delas. O que esse público demonstrou foi à necessidade de saber como a sexualidade inclui o sexo e a afetividade, comunicação e respeito.

Segundo Nunes (1990) a sexualidade por muitas vezes se confundida com a dimensão biológica, não obstante, é um conceito que atinge uma amplitude cultural histórica da ação humana. Apesar dos conceitos pré-estabelecidos para alguns/as alunos/as, notamos a curiosidade de discutir alguns tabus, que eles mesmos sugeriram para ser abordados:

Sobre os cuidados que devemos tomar em relação às doenças transmissíveis, como fazer uma transa com cuidado, ensinando a tomar anticoncepcional e como usar o preservativo adequadamente, em qual idade é certa para começar a ter relação sexuais. (Tatiana).

Gostaria de saber mais sobre as IST. (Priscila).

As dúvidas trazidas pelos/as alunos/as são reflexos do seu próprio contexto escolar, que não proporciona uma reflexão sobre a sexualidade. A Escola ainda se mostra tradicional e conservadora, limitando uma discussão sobre a sexualidade de maneira equilibrada e tranquila, cultivando cada vez mais os tabus frente ao tema. Frente a isso, os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos que participaram da pesquisa sentem a necessidade do debate sobre sexualidade na Escola, sobre sua importância. Isso ficou evidente nas seguintes falas:

Sim, pois somos adolescentes e precisamos saber sobre sexualidade, que não a lugar melhor para aprender do que a escola e claro com um professor com capacidade de nos ensinar. (Maria).

Para as adolescentes ficasse mais experiente, no que estão falando, antes de fazer qualquer besteira que vinha na cabeça. (Alana).

Sim porque muitas adolescentes engravidam sem sabe e se a escola fala sobre sexualidade eles irão se cuidar mais. (Priscila).

Diante das curiosidades dos/as alunos/as, percebemos novos questionamentos referentes à última pergunta do questionário, que solicita, caso tenha alguma dúvida, uma pergunta que referente à sexualidade, a partir dos interesses subjetivos de cada um/a:

Eu queria saber mais sobre: o diafragma. Os contraceptivos as doenças sexualmente transmissíveis, como podemos nos proteger. (Maria).

Em como engravida uma mulher com roupa porque já mim falaram que uma menina engravidou sem tirar a roupa isso pode acontecer? (Alana).

Sabemos que a sexualidade é dotada de transversalidade inerente, dessa forma passa a participar de todos os processos de construção do conhecimento interagindo com o sujeito, trazendo-lhe o desejo de aprender. As dúvidas dos/as alunos/as são muito comuns

de ser ver, pois, como afirma LOURO (1997):

Fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula assumidamente ou não nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes (LOURO, 1997, p. 131).

Além da omissão da Escola, é possível perceber uma falta de desinformação a respeito da sexualidade que vem de casa, da família em tratar do assunto. Infelizmente muitos jovens, desvinculam a prática sexual ao amor, respeito, que estão diretamente ligados à sexualidade.

Através dessa primeira rodada de questionários podemos concluir que as respostas dos/as alunos/as foram de extrema importância para abrir nossas ideias na elaboração do que seriam trabalhadas, as dúvidas apresentadas pelos/as alunos/as, nos fizeram modificar e acrescentar questões pertinentes referentes à sexualidade.

A aplicação do segundo questionário resultou em buscar compreender a concepção dos/as aluno/as em relação ao trabalho feito e nossa análise frente à resposta da nossa questão norteadora: A Ong Cordel Vida tem contribuído para subsidiar as discursões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes em uma escola estadual de Ouro Velho-PB? Em relação se nosso trabalho atendeu as expectativas dos/as alunos/as:

Sim. Porque as oficinas elas ensinam bastante e as expectativas é para os jovens não se iludir antes de tomar qualquer decisão que vem a cabeça. (Gustavo)

Sim. Porque eles fizeram coisas que eu não sabia, muitas informação que eu não sabia, fiquei muito contente por ter sabido mais. (Maria)

Sim, foram muito bem repassadas, foram tirada todas as dúvidas. (Alana)

Figueiró (2009) acredita que ao abordar o tema da sexualidade na Escola não se redimensiona as estratégias de ensino, mas envolve ensinar através da atitude do educador. Furlani (2009) diz que é necessário contribuir para que os sujeitos vivam suas sexualidades de forma emancipatória, garantindo direitos básicos como a saúde e conhecimento, estes sim, são elementos fundamentais na construção de pessoas responsáveis e ciente de seus direitos e deveres com o próximo e com a si mesmo.

Dessa maneira, tentamos trazer a informação da melhor maneira possível, em relação ao que foi desenvolvido durante as oficinas, na percepção dos/as alunos/as tivemos:

Foram muito fácil de compreender porque as oficinas explicaram como pega, e/ou não pega uma infecção sexualmente transmissíveis (IST). (Priscila).

Foram sim, a linguagem clara de fácil compreensão. (Alana).

Sim foi explicado que todos entenderam. (Gustavo).

Sobre os pontos positivos das oficinais, os/as participantes destacaram ainda:

De saber de todas as coisas da sexualidade. Para que ninguém fique indeciso de saber a possibilidade de um caso. (Pedro).

Conhecimento, responsabilidade e prevenção. (Ana).

Porque eu aprendi mais, por que sabemos de coisas que não sabia e eu aprendi coisas importantes para me prevenir, coisas sobre gênero, violência contra mulheres. (Luana).

O questionário final constou de 11 perguntas. Foi elaborado 61 questionário, e aplicados 38, e voltaram 22. Ficou constatado a partir das respostas dos/as alunos/as, que muitas questões que antes das oficinas eram dúvidas, eles/as mesmos/as já conseguem responder. Dentre os pontos positivos apresentados pelos/as alunos/as sobre as oficinas, destaco: A necessidade de saber prevenir-se; Respeitar as maneiras que o outro se identifica; Não se calar frente à violência contra mulher e como expressar melhor sua sexualidade.

6 Considerações finais

Tendo em vista o trabalho com educação sexual para jovens e adolescentes, desenvolvido pela Ong CORDEL Vida, buscamos analisar como essa atuação vem contribuindo para que estes possam vivenciar a sua sexualidade sem medo, como responsabilidade e dignidade.

Percebemos a necessidade de uma Educação Sexual de qualidade na Escola. Não deixando seus/as alunos/as aprender com o dia-dia da vida, mas sim, serem sujeitos orientados. Esperamos que a escola passe a contribuir com esses/as jovens e adolescentes a respeito da sexualidade, abrindo novas possibilidades deles vivenciarem uma sexualidade com responsabilidade.

Diante disso, não foi diferente momentos antes de nossa intervenção, na fala dos/as alunos/as onde fica clara a necessidade de uma Educação Sexual desses/as jovens e adolescentes, revelando que jamais conversariam a respeito da temática com os pais, buscando assim orientação em filmes revistas, internet, colegas, amigos e entre outros, onde os pais e a escola deveriam fazer este papel, e assim eles poderiam desvendar os tabus da sexualidade.

Para tanto, ao analisar a fala dos/as alunos/as, antes da nossa intervenção, percebemos a falta de uma Educação Sexual que falasse sobre as IST, Gravidez na adolescência, violência doméstica, que para eles/as, são desprovidos dessas informações, e quando as tem, são completamente infundadas, e acabam

influenciados (as) por uma sexualidade cheia de mitos e crenças.

Portanto, acreditamos que o Cordel Vida, contribuiu com os/as alunos/as, que assistiram atentamente as nossas oficinas, e que ficaram satisfeitos com todo nosso desempenho e esforço, levando um pouco mais de conhecimento para uma população que é tão carente de educação, principalmente quando se fala em Educação Sexual.

Referências

- CONDE, Michelle Franco. **O Movimento Homossexual Brasileiro: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania.** 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.
- DUTRA, Luiz Henrique de A. Conhecimento, educação e atividade profissional. In: DUTRA, Luiz Henrique de A. **Epistemologia da aprendizagem.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 7-19.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.) **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.
- FURLANI, Jimena. Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogia queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In: JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009. p. 293-323.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade.** 5.ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- TANNAHILL, Reay. **O sexo na história.** Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.
- WHYTE W F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.